



N.º 126 — Lisboa, 1 de julho

5.^o
ANNO
1915

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras
Toda a correspondência deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois da publicado 80 réis

Redacção e administração—Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 15000 * | Africa e India Portuguesa, anno. 25000 *
Cobrança pelo correio..... 5100 * | Estrangeiro, anno 52 numeros... 53600 *

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accéitam-se em qualquer data;
tem porem de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR—CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Anuario Commercial
5, Calçada da Gloria, 5
IMPRESSÃO
A EDITORA
L. Conde Barão, 50

Ordem do dia

Dom J. de S. C.

*Descendente de D. João VI.
Antepassado.*

*É a Casa de Bragança sem
lista civil.*

*D. João VI andava em pala-
cos— retirados da circulação.*

*Agora anda na pessoa do seu
neto, em manifestos — igual-
mente retirados da circulação.*

Fatal destino!

*Tendencia para a dispersão
— o avô para o Brazil, as joias
para a Inglaterra.*

*Se o neto aperta muito vae para
Timor.*



A. D'ABREU  ANTIGA CASA
Viuva Soares & Filho

JOALHERIA E OURIVESARIA

SEMPRE NOVIDADES

57, e 59, Rua do Ouro, 57 e 59 LISBOA

Pasta brilhante AMOR

Para limpar toda a qualidade de metaes

Briquetes marca ESPADA

Para limpeza de vidros e espelhos

Garante-se o resultado tanto da pasta como dos briquetes. Depositarios em Portugal: J. B. Fernandes & C.^a Lisboa — Largo de S. Julião, 15 a 18. À venda em todas as mercearias, drogarias e lojas de ferragens. — Grandes descontos aos revendedores.

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Foi premiado com as medalhas de ouro, nas exposições industrial de L.^a 93, e universal de Paris.

Actua-se a venda em todas as principaes phar-macias

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA FRANCO, FILHOS
Conde do Restello, & C.^a
LISBOA

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Muito util na convalescencia de todas as doencas, quando é preciso levantar as forças. E hoje muito usado ao Lunch e ao Toast, especialmente por todas as pessoas de constituição fraca, e que têm a peito a conservação da sua vida. Foi premiado com as medalhas de ouro nas exposições industrial de Lisboa, de hygiene de Londres e universal de Paris. Um calix d'este vinho representa um bom hife.

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA FRANCO, FILHOS
Conde do Restello & C.^a
LISBOA



Callista Pedicuro Jeronymo Fernandes

Empregado da casa Orvellas

RUA SERPA PINTO — 48, 1.^o

(Vente para o Chiado)

EXTRAÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos. Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

TYPOGRAPHIA

DO

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

Propriedade de

Manoel José da Silva

Iluminação e força motriz por electricidade

ESPECIALIDADE EM ROTULOS DE PHARMACIA

E

OBRAS ILLUSTRADAS

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

Compagnie des Messageries Maritimes

PAQUEBOTS POSTE FRANÇAISE

LINHA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres sairá o paquete CHILI, commandante Oliver, que

se espera de Bordeus em 10 de julho.

O paquete CHILI não fará escala por Santos.

Para Bordeaux, em direitura, sairão os paquetes AMAZONE, commandante Lidin, que se espera do Brazil em 28 de junho. MAGELLAN, commandante Dupuy Fromy, que se espera do Brazil em 13 de julho.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações trata-se na Agencia da Companhia, 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.^a classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.^a — 4, Praça dos Remolares, 1.^o Os agentes, Sociedade Toriades, 32, rua Aurea.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

(OBRIGAÇÕES DE SEGUNDO GRAU)

Tendo sido approvadas em sessão de 15 de junho, pela Assembléa Geral dos srs. accionistas d'esta Companhia as contas da gerencia da mesma Companhia e a distribuição do remanescente da exploração no exercicio de 1904 pelas obrigações privilegiadas de segundo grau.

O Conselho de Administração da mesma Companhia tem a honra de prevenir os srs. portadores das ditas obrigações privilegiadas de segundo grau de juro variavel até 3 0/0, 4 0/0 e 4 1/2 0/0, que a datar de 1 julho p. f., lhes será pago o quinto coupon nos termos seguintes:

— pela apresentação do coupon n.^o 5 da nova folha d'elles, annexa ás obrigações estampilhadas como privilegiadas de segundo grau, de juro variavel até 3 0/0, recebendo por cada coupon, 6 francos e 99 centesimos liquidos de 31 centesimos d'impostos em França;

— pela apresentação do coupon n.^o 5 da nova folha d'elles annexa ás obrigações estampilhadas como privilegiadas de segundo grau, de juro variavel até 4 0/0, recebendo por cada coupon, 9 francos e 39 centesimos, liquidos de 61 centesimos d'impostos em França;

— pela apresentação do coupon n.^o 3 da nova folha d'elles, annexa ás obrigações estampilhadas como privilegiadas de segundo grau, de juro variavel até 4 1/2 0/0, recebendo por cada coupon, 9 marcos.

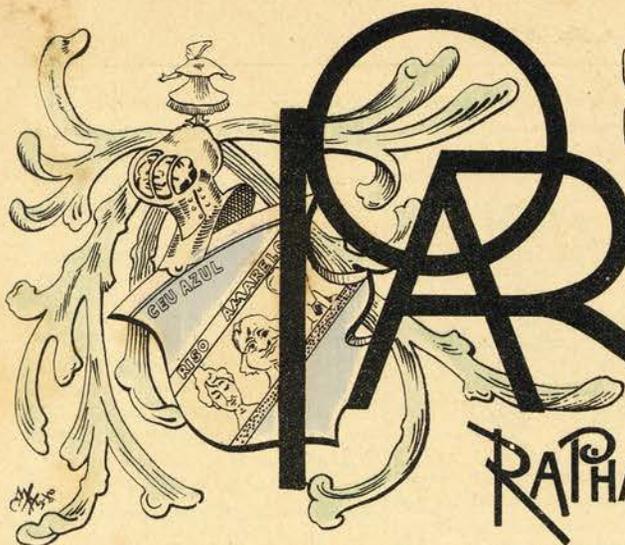
O pagamento será feito nos termos indicados desde o dia 1 de julho de 1905, em Lisboa, na séde da Companhia, todos os dias uteis, das onze horas da manhã ás 2 da tarde, pelo cambio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o thesouro portuguez, em virtude do disposto no art. 5.^o da lei de 29 de julho de 1899; publicada no *Diario do Governo* n.^o 172 de 3 de agosto seguinte.

O pagamento em França, Londres, Alemanha e Belgica, será realisado tambem nos termos acima, desde a mesma data, nos cofres dos correspondentes da Companhia Real, d'accordo com os annuncios feitos em cada paiz.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, em 20 de junho de 1905.

O Presidente da Commissão Executiva

Victorino Vaz Junior



N.º 126 — LISBOA, 30 DE JUNHO

5.º ANNO 1915

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

Redação e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assinaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros 50000 rs.
Semestre, 26 numeros 12000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correio 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros . 35000 rs.

NOTA: — As assinaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte 82

IMPRESSÃO

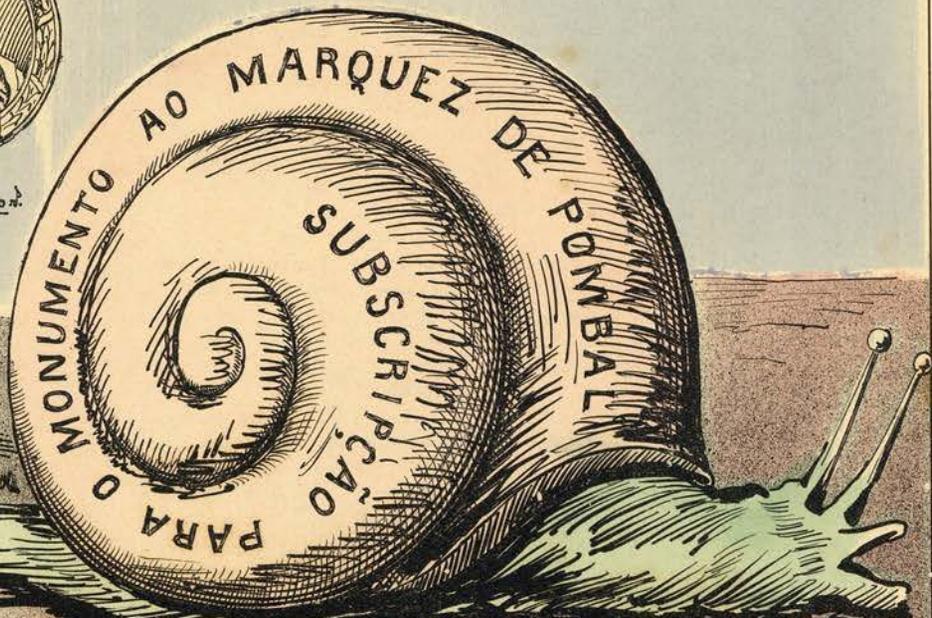
"A EDITORA"

L. Conde Barão

A GRATIDÃO DA NAÇÃO



TRANSPORTE... 5048 270.



O CARACOL

A CULPA DO HOMEM

A senhora D. Anna de Castro Osorio, nossa infatigavel *autress*, acaba de publicar um proverbio n'um acto, de que apenas temos noticia pela referencia que lhe faz nas columnas do *Diario de Noticias* o sr. Candido de Figueiredo e no qual se debatem, segundo o resumo que d'elles nos dá este activo critico litterario, «os prós e os contras do casamento» attingindo se a conclusão «*de que os homens, não obstante os defeitos que as mulheres notam n'elles, merecem muitas vezes o perdão das suppostas culpas, que derivam máis dos defeitos de educação do que da propria indole.*»

Não sabemos de que culpas verdadeiramente se trate no proverbio em questão.

Como, porém, as culpas que as mulheres mais assiduamente nos asacam são as que tem relação com a nossa pretendida infidelidade, supomos tratar se d'essas; e sendo assim, como o levam a crer a tradição e os hábitos, não hesitamos um momento, ao renovar-se esta velha inculpação, em declarar os homens para com as mulheres e debaixo d'este restricto ponto de vista — absolutamente isemptos de culpa.

Aquillo a que as mulheres dão o nome de culpa, o que é afinal?

A culpa dos homens, afinal — é serem homens.

Os homens não estão physiologicamente organizados para serem maridos, mas para serem — homens e como taes, exercerem a sua função creadora com generosidade e abundancia.

O homem, n'uma palavra — é polygamo.

A monogamia é um accordo social. A polygamia é um designio da natureza e póde a sociedade legislar para a natureza. Ella é rebelde a leis que não sejam as suas.

A mulher naturalmente não o entende assim e quer monopolisar em seu exclusivo proveito uma força natural que deve distribuir energia a torto e a direito.

A mulher está em erro e é proprio do erro a decepção.

Por isso ella se declara *systematicamente* desilludida, soffre, revolta-se ou resigna-se á infidelidade do homem, chorando infindaveis prantos.



No seu erro ella procura persuadir-se de que o seu mal é um mal singular que lhe coube em sorte e que assim como ha bilhetes premiados e bilhetes brancos, assim ha maridos fieis e maridos infieis.

Pobres senhoras!

Ellas ignoram que não ha maridos fieis, porque pedir aos homens aquillo a que ellas chamam — fidelidade é a mesma coisa que pedir aos rios que não corram para o mar.

Ha, porém, maridos fieis? Não ha. O que ha são temperamentos ricos e temperamentos pobres, assim como ha grandes rios e pequenos riachos. A fidelidade no homem é, em geral, pobreza de sangue.

A mulher surprehende-se naturalmente de que o homem não reproduza o spectaculo das suas virtudes, e por isso elle lhe apparece culpado, como ella propria o seria se não as praticasse.

Erro! Sempre erro!

Nem a mulher pratica a virtude, nem o homem contrahe a culpa.

O que ha é que ser homem e ser mulher é exercer funções differentes, segundo as quaes ha differentes necessidades.

A mulher é um instrumento da criação. O homem é a propria criação. Este problema já está de ha muito debatido, mas nunca é demais dizel-o: sem homens não haveria mundo. As mulheres, só por si, seriam insufficientes para o perpetuar, como a terra, só por si, é insufficiente para produzir fructos.

O homem, este é o facto, não é infiel á mulher. O conceito da infidelidade é profundamente artificial e falso. Os seus extravios extra-conjugaes não são senão os phenomenos

imperiosos da sua capacidade creadora. O homem não procura enganar a mulher. Irresistivelmente procura servir a natureza. A mulher leva-lh'o a mal, mas Deus fica-lhe agradecido.

Vejamos, de resto, que circunstancias malignas concorrem na infidelidade do homem.

A infidelidade do homem nunca é acompanhada de um revoltante cynismo. O homem infiel occulta escrupulosamente a sua infidelidade. É atraído pelos acontecimentos e a sua infidelidade é tornada publica? E' raro que o homem infiel não aedline immediatamente as suas desculpas.

Além d'isso, a sua infidelidade não significa de nenhum modo a subversão dos seus sentimentos de natureza especialmente conjugal. O homem infiel não deixa de amar a sua legitima consorte e está mesmo averiguado que a ama na proporção em que lhe é infiel. O marido mais infiel é aquelle que adora a sua mulher. Quando elle a adora até á exaltação, o seu desespero, quando se vê apañhado com a bocca na botija, não conhece limites, e são porventura estes sentimentos generosos de natureza a tornar a chamada *culpa do homem* verdadeiramente antipathica?

A mulher perdoa, mas se ella não perdoasse, nem por isso o homem deixaria de ser a activa, curiosa, insatisfeita força creadora que é.

O que naturalmente não deixaria de succeder é que tomaria — outras precauções.

JOÃO RIMANSO.



— Eu quero dominar.

As conclusões do Congresso maçónico e as nossas

Uma das afirmações do recente congresso maçónico foi a de que a Maçonaria deixára de ter um caracter revolucionario.

A origem da Maçonaria é, com effeito, revolucionaria e assim se explicam o seu caracter secreto, as suas iniciações, a sua liturgia, os seus irmãos terríveis, as suas mezas triangulares e as suas abobadas d' aço.

Desde o momento, porém, que as circumstancias lhe fizeram perder o seu caracter revolucionario, como o consignou o ultimo congresso, porque subsiste ella como instituição secreta e porque não se amolda mais logicamente ao plano, por exemplo, da Associação dos Lojistas?

O congresso decidiu que a Maçonaria não tinha função revolucionaria, mas de ha muito que ella não a tem, pelo menos ostensivamente.

A nós tem-n'os succedido, ao passar pelo edificio da Rua do Gremio Luzitano, perguntar a nós mesmos como é possível manter o caracter secreto a uma associação estabelecida publicamente, com um guarda-portão e uma caixa de correio e por tal forma sancionada pela opinião do seu tempo que até tem uma rua com o seu nome.

Os antigos maçons eram perseguidos e occultavam-se. As reuniões das suas lojas faziam-se em subterraneos. Os seus irmãos reconheciam-se por mysteriosos signaes.

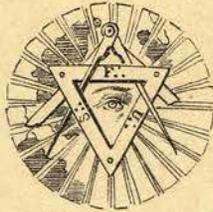
Era a phase revolucionaria, carbonaria, conspiradora, dramatica, romantica.



Os acontecimentos assim o reclamavam. O mysterio maçõn explicava-se pelas necessidades do ambiente.

Esses tempos passaram, ou, pelo menos, assim o pensam os maçons, e se assim é, a sua Maçonaria, com os seus ritos, as suas lojas e iniciações

mysteriosas, os seus olhos vendados, as suas espadas, os seus signaes symbolicos, os seus irmãos terríveis, os seus mascaras de ferro, a sua indumentaria, a sua *mise en-scene* são coisas affectadas, postizas, pueris, disparatadas e grotescas.



Quem quizer no entanto ser recebido na Maçonaria tem de sujeitar-se a que lhe vendem os olhos, lhe soprem lume na cara, lhe mostrem um mafarrico morto e mil outras flagellações.

Nas condições actuaes da Maçonaria nós não nos recusariamos a estas provas, com a condição, porém, de levarmos conosco — uma bisnaga.

HERCULANO

Vae ser posta em praça a propriedade das obras de Alexandre Herculano e os jornaes annunciam que duas importantes casas do Rio e uma de Paris a disputarão vivamente.

E' possível.

Nós, no entanto, damos mais pelo azeite.

«O COSINHEIRO DOS COSINHEIROS»

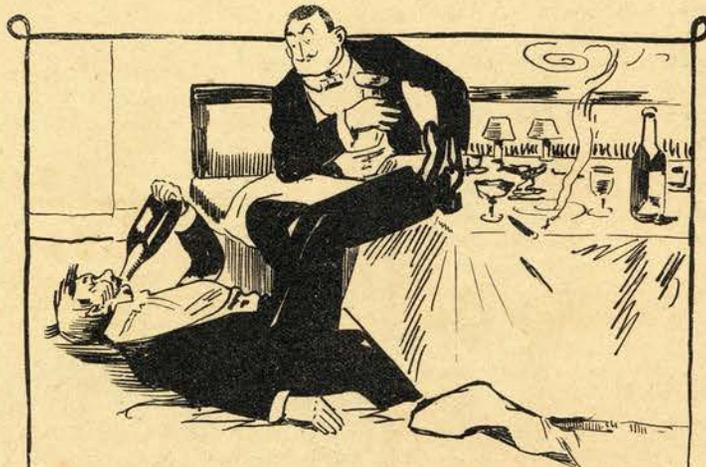


O nosso amigo o sr. Paulo Plantier, acaba de publicar uma nova edição do seu *Cosinheiro dos Cosinheiros*.

Agradecemos-lhe muito reconhecidos a offerta do exemplar que nos dedicou.



PRECAUÇÃO



— Que diabo de maneira que V. tem de beber *Champagne*!...
— E' para evitar que me suba á cabeça...

O MEZ DOS DIAS SANTOS

Redenção d'um homem que tem que fazer



— Uff! Estou livre dos dias santos!

TEJO DE CRISTAL

O Tejo está na poesia lyrica e está na rethorica.
Nos costumes não está.



Semilhante rio, lá fóra, como diria o pranteado conselheiro Acacio, seria não só um privilegio da natureza na civilisação, como um verdadeiro logradouro publico.

Em Lisboa, o logradouro publico é a Avenida.

Com o fim de fazer entrar o Tejo nos costumes, sem prejuizo de o manter com o seu velho prestigio na litteratura, a Empreza dos Vapores Lisbonenses continua a effectuar todos os domingos as suas digressões fluviaes, ás quaes concorrem já bom numero de apaixonados da agua e do ar livre.

Aqui fica esta noticia como reclamação não já á referida Empreza, mas ao mesmo Tejo.

Um neto de D. João VI

Em Portugal não ha evidentemente te o sentimento das proporções.

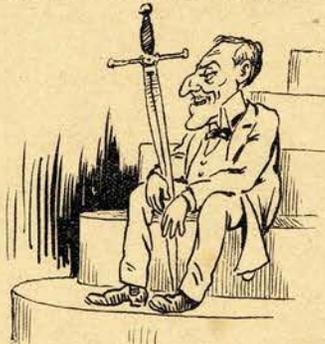
Engrandece-se o que é pequeno. Passa-se como gato sobre brazas por sobre os maiores factos.

O caso do sr. D. José de Sousa Coutinho, por exemplo, é d'aquelles que lá fóra tomaria proporções grandiosas. Pois aqui passou, está passando completamente despercebido.

O caso é este: o sr. D. José de Sousa Coutinho não é um vulgar gentilhomem, como o sr. Alberto Bramão, que, como elle, tem Dom.

O alludido senhor, é nem mais nem menos, do que um neto de D. João VI.

Para as nossas superstições, um neto de D. João VI deveria estar sentado no throno, nos degráos do throno e ser pelo menos — condestavel.



Os netos dos reis não andam por ahi, como dizem os hespanhoes — *tirados a la calle*.

Ora o que succede?

O sr. D. José de Sousa Coutinho, neto de D. João VI, publica manifestos, que a policia apprehende.



E o que pede elle n esses manifestos?

O throno, como em Hespanha, D. Carlos e como em França o duque d'Orléans?

Nada d'isso.

N'esses manifestos, o neto de D. João VI pede apenas que lhe paguem a renda da casa e a decima.

E' isto banal?

Em toda a parte do mundo isto seria consideravelmente curioso.

Pois em Portugal o officio do administrador de Alter do Chão deu muito mais que fallar.

O sr. D. José de Sousa Coutinho não é um homem: é um facto.

Como homem é de mediana estatura; como facto é descommunal.

Mas em vão! Os portuguezes não tem o sentimento exacto do grandioso.



O Estado--Emprezario

Os jornaes noticiam ter havido uma conferencia entre o ministro do Reino, o director geral da Instrução Publica e o sr. Alberto Pimentel, commissario regio junto do Theatro de D. Maria, a proposito da nomeação do novo gerente d'aquelle theatro.

Estas noticias, a nós pelo menos, desconcertam n'os.

Nós somos do tempo em que o theatro era uma iniciativa independente do Estado, como tantas outras de caracter artistico, com as quaes o Estado não tinha relação alguma proxima, ou remota.

Vermos agora, a proposito de uma questão de interesse privado de uma companhia dramatica, intervirem o ministro do Reino, o director geral da Instrução Publica e um commissario regio abalam até aos seus mais intimos fundamentos as nossas velhas noções sobre a organização do theatro.

O Estado irresistivelmente apparece-nos emprezario, como o sr. Souza Bastos, ou como o sr. visconde de S. Luiz de Braga e ao passarmos pelo theatro de D. Maria nós não sabemos realmente se quem está lá dentro ensaiando são actores e actrizes, se directores geraes, chefes de repartição, amanuenses.

Não são então já os artistas que nos apparecem burocratas. São os burocratas que nos apparecem artistas e nós consideramos com horror a perspectiva de uma temporada, de que o sr. Abel d'Andrade seja — o galan.

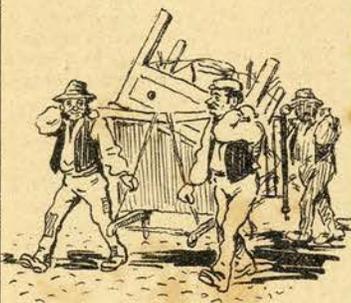
O actor Luiz Pinto, eleito gerente do theatro de D. Maria, declinou este cargo. Esperemos que elle aceite o de director geral de Instrução Publica.



OS GALLEGOS



Ah! se Lisboa não tivesse a mania de se mudar, como ella passaria sem os gallegos!
Assim, Lisboa é tributaria dos gallegos.
Em chegando junho, dezembro ella está nas mãos dos gallegos.



Os gallegos fazem a mudança. Destroem, quebram, descollam,



desmancham.

Não importa! Sem elles a mudança não se faria e é preciso mudar. Para ajustar o preço da mudança é forçoso trazer a casa os gallegos.

Os gallegos, n'um golpe de vista, apreciam o valor da casa e os recursos do proprietario.

Algumas vezes apalpam um ou outro movel, sopesam aqui uma meza, ali uma commoda.

Simplees formalidades da profissão.

O gallego vê a casa em conjuncto e em — viagens.

Pede.

Quando os gallegos pedem, vacillam os domicilios.

O gallego não tem a noção do salario, porque não é um salariado.

O gallego pede, segundo o seu capricho ambicioso. — E' o aventureiro do xinguico.

Protestos, recriminações.

O gallego conta com a hostilidade do ambiente e sorri como o soldado que conhece as fraquezas do inimigo.



— E' uma exorbitancia!

— E' um exaggero!

— E um absurdo!

O gallego, então, parlamenta.

Allega o peso dos moveis, que lhe é indifferente, porque o gallego não tem a noção do peso; allega as viagens, allega a distancia, e, finalmente, approxima se da porta, prompto a disparar o seu ultimatum.



Não sabemos se é Adão Smith, se é o sr. Costa, antiquario, quem afirma que «pedir muito é vender bem».

O gallego faz sempre um abatimento, mas nunca deixa de accrescentar com reservada malicia:



— O patrón dará depois o que quijér.

Feita a mudança, o gallego, suado e dorido, recolhe as cordas e estende a mão.

Está pago?

Nunca!

O gallego nunca está pago.



— Estás contente? pergunta-se-lhe enchendo-lhe a palma da mão de notas do Banco e moedas de prata.

O gallego responde:

— Este servixinho merexia mais alguma coixa.



A MORTE E O IMPORTUNO



MANDCHURIA

M. Bordallo Pinheiro

A MORTE—Lá vem aquele massador!

AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indisentivel, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Sciencia.

As garrafas e as ro-lhas usadas no en-garrafamento da Agua de Meza

Sameiro

São sempre esterilizadas

É já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portuguezas.

Está á venda: em todos os estabelecimentos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de 1/2 litro..... 80 rs.
" " " 1/4 litro..... 50 rs.

Deposito geral no Porto:

C. Coverley & C.^a
Reboleira, 55, 1.^o

Endereço telegraphico—COVERLEY
Telephone n.º 19

Em Lisboa:

Manoel José da Silva
RUA D'EL-REI, 31, 2.^o
Telephone n.º 512

Endereço telegraphico—MISSILVA

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa
de fabrico
e concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes

Preços limitadissimos

99, Rua Aurea, 99

**CONTRA
A DEBILIDADE**

**Farinha Peitoral Ferruginosa
da pharmacia Franco**

Esta farinha, que é um excellente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, é ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tónica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente autorizada e privilegiada. Mais de 300 attestados dos primeiros medicos garantem a sua efficacia.

Conde do Restello & C.^a
- LISBOA — BELEM



EMPRESA Nacional de Navegação

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa

ITINERARIO

Lisboa..... Part.	1	7	22	Moçambique.-Part.	9	—	—
Madeira.....	—	9	—	Beira.....	11/12	—	—
S. Vicente.....	—	13	—	Lourenço Marques.	14/16	—	—
S. Thiago.....	—	14/15	28/29	Mossamedes.....	—	8	24
Principe.....	—	23/24	7	Benguella.....	—	9/10	25/26
S. Thomé.....	13/14	25/27	8/10	Novo Redondo.....	—	11	27
Landana.....	—	29	—	Loanda.....	26/27	12/13	28/29
Cabinda.....	—	30	12	Ambriz.....	—	14	30
St.º Ant.º do Zaire.	—	—	13	Ambrizette.....	—	15	1
Ambrizette.....	—	—	14	St.º Ant.º do Zaire.	—	—	2
Ambriz.....	—	1	15	Cabinda.....	—	16	3
Loanda.....	17/18	2/3	16/17	Landana.....	—	17	—
Novo Redondo.....	—	4	18	S. Thomé.....	30/1	19/21	5/7
Benguella.....	—	6	20	Principe.....	—	22	8
Mossamedes.....	—	7/8	21/22	S. Thiago.....	—	30	17
Bahia dos Tigres..	—	—	23	S. Vicente.....	—	—	18
Porto Alexandre ..	—	—	23	Madeira.....	—	—	22
Lourenço Marques:	28/2	—	—	Lisboa..... Cheg.	13	6	24
Beira.....	4/5	—	—				
Moçambique-Cheg.	7	—	—				

VAPORES

Ambaca—Cazengo—Cabo Verde—Angola
Benguella—Zaire—Malange
Portugal—Africa—Loanda—Bissau—Bolama
Zambezia—Principe—Mindello—Guiné
e Lusitania

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se:
No Porto: aos agentes srs. H. Burmester & C.^a,
rua do Infante D. Henrique

SÉDE DA EMPRESA
Rua de El-Rei, 85
LISBOA

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA

CORRETOR

VIRGILIO DA COSTA

Escriptorio

RUA D'EL-REI, 112, 114

